

HISTÓRIA, EPISTEMOLOGIA E EMARANHADO NAS NARRATIVAS DE SÃO BENEDITO DE BRAGANÇA DO PARÁ

History, epistemology and entanglement in the narratives of São Benedito de Bragança do Pará

Elcio Sant'Anna¹
UFPA – Pará/ Brasil

RESUMO: Este é um estudo sobre as “narrativas de São Benedito nas festividades de Bragança do Pará”. As histórias de São Benedito dão conta de sua franca atividade, constituindo-se em suporte de devoção. A pesquisa se orientou especialmente por uma abordagem não reducionista, a fim de, evitar dicotomias tais como, mito e rito, festividades e narrativas, e a partir da adoção de um modelo compreensivo chamado aqui de “experiências agoráticas” que tem por objetivo lançar luzes sobre as imagens vistas na vivência etnográfica, de modo a não dissociar as narrativas e festas. Por isto, a pesquisa foi feita junto aos esmoladores e seus encarregados, as narrativas do Santo no percurso emaranhado das esmolações. Havia o interesse de resgatar a história da marujada como contexto institucional-festivo para as narrativas beneditinas no bojo das esmolações. Deste modo, percebe-se que uma “*meshwork*” de narrativas é formada a partir das viagens dos esmoladores de São Benedito, construindo “mapas verbais” da devoção na região dos colonos. Além disso, as narrativas exemplares reforçam o impacto do conteúdo da devoção dos colonos de Bragança do Pará, deixando clara a competência performativa de contadores de histórias.

Palavras-chave: “Meshwork” de narrativas; Devoções beneditinas; Experiências agoráticas

ABSTRACT: This is a study on the "narratives of St. Benedict in the festivities of Bragança do Pará". The stories of St. Benedict give an account of his frank activity, constituting a support of devotion. The research was oriented especially by a non-reductionist approach, in order to avoid dichotomies such as myth and rite, festivities and narratives, and from the adoption of a comprehensive model called here "agoretic experiments" that aims to throw lights on the images seen in the ethnographic experience, so as not to dissociate the narratives and festivals. For this reason, the research was done with the esmoladores and their incarnates, the narratives of the Saint in the entangled course of the esmolação. There was an interest in rescuing the history of the marujada as an institutional-festive context for the Benedictine narratives in the midst of esmolaciones. In this way, it is perceived that a meshwork of narratives is formed from the trips of the esmoladores of São Benedito, constructing "verbal maps" of the devotion in the region of the settlers. In addition, the exemplary narratives reinforce the impact of the content of the devotion of the settlers of Bragança do Pará, making clear the performative competence of storytellers.

Keywords: History; "Meshwork" of narratives; Benedictine devotions; Experiences.

¹ Doutor em Ciências Sociais com concentração em Antropologia pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia - PPGSA da Universidade Federal do Pará – UFPA (2012-2016). Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo – UMESP (2005-2007). Graduado em Teologia pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora – CES/JF (2006-2007). Pesquisa mitos e narrativas religiosas. Atualmente tem pesquisado as narrativas de religiosos como linguagem de configuração social.

Introdução

Para contar o mito, a voz do narrador não basta: ‘É preciso lugares e momentos particulares, reuniões especiais. A palavra também não basta; o concurso de um conjunto de signos polivalentes, isto é, um rito, é necessário’...

Elizabete de Lemos Vidal (2008).

Eu vi que era a graça do
meu santinho mesmo.
Eu vou com ele!!
Seu João, Encarregado de São Benedito

Tem muita história, às vezes,
contadas por aí. Nessas colônias...
Então é isso cada ano que passa,
a devoção cresce mais, né.
Seu João, Encarregado de São Benedito

Desde o início buscava realizar um estudo sobre o desempenho e a configuração das narrativas nas devoções beneditinas na cidade de Bragança do Pará. Eventos estes que na Zona Bragantina no Nordeste do Pará marcam de forma contundente o calendário da microrregião através das festividades das marujadas de Bragança, determinando uma afluência de grande monta de fiéis e foliões nos dias 18 a 26 de dezembro há quase de 220 anos, e que segundo números informados pelos organizadores, a festa, em 2013, contou com mais de 250 mil participantes.

Naquela época, desejava dar maior ênfase ao seu núcleo narrativo pensado a partir do mito fundador de São Benedito, ancorado em suas hagiografias e iconografias oficiais, onde teria que lidar com duas tramas fundantes de São Benedito (VIEIRA, 2008, p.29-30). Mas era necessário valorizar o seu contraponto, como aqueles com traços do “imaginário mítico das populações católicas” (MAUÉS, 1995, p.184), que obedecem aos “ditames de uma recriação devocional popular, recepcionados pela interferência direta de um “a priori antropológico” (BRANDÃO DA SILVA, 1980, p.203-204; ROCHA, 1999, p.13) que nunca se dão por consumo passivo, mas por atividade estética de negociação, aprovação e recusa (JAUSS, 2002, p.80).

Foi neste contexto que comecei a ouvir outras histórias do Santo que pareciam ser de grande importância, uma vez que eram bastante recorrentes. Eram histórias que falavam de São Benedito havia dado graças, atendia pedidos, mas que além disto castigava por abusos e desrespeito (SANT'ANNA, 2016, p.19). Pessoas que teriam sido ingratas ou desrespeitosas, estes que seriam um dos “mais graves pecados no âmbito da vida religiosa do caboclo amazônico” (GALVÃO, 1953, p.4), como no caso de uma senhora que não pagou sua promessa, porque afirma que era evangélica e por isto sua cama pegou fogo (SANT'ANNA, 2014, p. 56.).

Este tipo de conto se encaixa perfeitamente no sistema cosmológico das populações das Microrregiões do Salgado, percebido por Raymundo Heraldo Maués. Foi por isto que percebi que não tinha que levar aquelas histórias associadas ao clero, mas sim as que fazem menção as experiências vividas pelos promesseiros e devotos de São Benedito. Neste contexto ouvi o bordão que dizia: “Não brinca com o negão, porque ele é tihoso” (RAIMUNDO, Jr, 2010). Logo, as narrativas de São Benedito que deveriam ser consideradas eram aquelas que estão recorrentemente na boca do povo da região, em conformidade a “cosmologia homológica entre santos e encantados” de Maués (1995) também percebida João Valentin Wawzyniak (2012).

Desde 2010, estive viajando pelas estradas e ramais de Bragança do Pará. Estive circulando e me perdendo pelos caminhos que se cruzam na Microrregião Zona Bragantina. Já tinha lido alguma coisa sobre as Marujadas de São Benedito de Bragança, o a exemplo de Eduardo Galvão (1953), Armando Bordallo da Silva (1959), Raymundo Heraldo Maués (1967), Dedival Brandão da Silva (1997), Jair Francisco Cecim da Silva (2003), Dário Benedito Rodrigues Nonato da Silva (2006), Daniel Hudson Carvalho Vieira (2008), no mesmo ano, Sonia Cristina de Albuquerque Vieira (2008), Gisele Maria de Oliveira Carvalho (2010), todavia somente quando cheguei a Bragança que comecei a ter um vislumbre do que estava diante de mim.

Nesta pesquisa me dispus a tratar do tema das narrativas nas festividades de São Benedito de Bragança do Pará nos seguintes termos na parte:

1) de uma história e epistemologia, produzindo assim um contexto festivo-institucional para as narrativas de São Benedito como também um cenário hermenêutico; e na parte 2) considerações sobre as narrativas e sua configuração emaranhada: pensando nos sujeitos narradores de São Benedito e em algumas narrativas emaranhadas dos encarregados de comitivas de esmolação de São Benedito.

História e epistemologia das narrativas de São Benedito de Bragança do Pará:

Esta seção visa apresentar o catolicismo bragantino como contexto festivo-institucional das narrativas de São Benedito, composto pela Irmandade da Marujada de São Benedito de Bragança, sucessora da Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança, bem como as devoções e festividades. Trata-se de um esforço de ver qual é a configuração das histórias do Santo, como estão alocadas dentro das devoções, de maneira que se pudesse ver as festividades e a Marujada de Bragança inicialmente dentro de um vetor de lógica diacrônica, que permita averiguar as suas condicionantes e marcas historicossocial.

1. A história documental das Marujadas de São Benedito de Bragança, um contexto para as suas narrativas Santo.

Como contexto festivo-institucional das narrativas de São Benedito, devo enfocá-lo a partir da Irmandade da Marujada de São Benedito de Bragança, sucessora da Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança, bem como as devoções e festividades, que carrega um movimento abrangente de devotos, fieis, dirigentes, promesseiros, esmoladores, foliões e cidadãos às suas datas expressivas, conforme o seu Segundo Estatuto da Irmandade da Marujada de São Benedito de Bragança datado em 2005, na folha 140, do Livro 2 – A: de Registro Civil de Pessoas Jurídicas, assinado por Pedro Lúcio Gomes Fernandes, o tabelião.

A tarefa era a de configurar as narrativas dos esmoladores de São Benedito num cenário que lançasse luzes o entendimento dos contos que o povo de Bragança menciona. Com isto, procurei não me descurar de que há facetas historicoculturais que determinam a trajetória e do movimento de uma estrutura conforme abordado por Marshall Sahlins e Clifford Geertz (1990, p.7; FREHSE, 2008, p.11.). Nesta tarefa fez necessário apreciar o *Primeiro Compromisso da Irmandade de São Benedito de Bragança* de 03 de setembro de 1798, e também o *Primeiro Estatuto Social da Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança* de 07 de julho de 1946.

Conforme pude ver o Primeiro Compromisso da Marujada de São Benedito está de acordo o regime discursivo dentro do marco legal do Padroado, ambiente jurídico estrutural do Brasil colônia, onde se percebe que o desejo de criação da irmandade é reportada às autoridades: “ fazemos saber que os sudictos nos enviarao dizer que os escravos dos moradores desta Villa de Bragança (...) tenção erigir nesta mesma Villa huma Irmandade...” (SILVA, 2014). Por isto, o escrivão de câmara da Vila de Bragança pediu que Francisco de Souza Coutinho, o Governador e Capitão General do Pará de licença para criação de Irmandade para a devoção do Santo em 03 de setembro de 1798.

Em um interstício da lavoura, antes das chuvas de 27 a 31 de dezembro, e quando começava o período das primeiras chuvas do inverno, estes escravos aguardavam a estiagem. Exatamente a partir destes dias, entre 18 a 26 de dezembro de 1798, pela primeira vez ocorreram às festividades de São Benedito na cidade de Bragança e na Vila de Quatipuru (SALLES, 2004, p.31). Os escravos que viviam em Bragança decidiram construir uma capela da palha, com a permissão dos seus senhores. Os atos que se seguiram foram à instalação da imagem do Santo na capela e a celebração em “cantochoão, as ladainhas” (PEREIRA, 1963, p.80- 81). A imagem tida como original e achada nas águas do Caeté (FERNANDES, 2011, p.72).

A irmandade surgiu a partir da festa de São Benedito de Bragança que é uma das mais tradicionais da região. Estas são as narrativas fundantes que qualquer um chegando a Bragança pode ouvir. Entretanto para o entendimento das circunstâncias em que isto aconteceu é importante considerar a situação de então do catolicismo brasileiro.

A única forma legítima de um leigo atuar dentro deste catolicismo tradicional era por via individual ou através das ordens terceiras, pias uniões, irmandades e confrarias. Houve semiconfinamento social que foi implementado como o único meio de atuação nos limites da religião. E é dentro desta mesma demarcação, que as formas de “reprodução e também de recriação” juntas buscaram atuar.

Então, torna-se importante perguntar: quem eram estes escravos que haviam chegado a Bragança? Segundo Anaíza Vergolino-Henry e Arthur Napoleão Figueiredo estes escravos haviam chegado de Bissau em 20 de março de 1777, conforme despacho oficial da época:

“ Sucedéo de chegar ontem a este Porto huma curvêta de excelente escravatura (...) já tenho ordenado desse separar para esses moradores todo o maior número de escravos, (...) que se há de fazer toda diligência porque se complecte todo o numero dos sessenta e tantos (...) Pello tempo adiante se poderá augmentar hum maior socorro deste importante fornecimento...”
Pará, 21 de junho de 1777 = João Pereira Caldas.
(VERGOLINO-HENRY; FIGUEIREDO, 1990, p.179 -180)

A Microrregião Bragantina assim tornou-se um arquivo cultural de movimentação de escravos africanos que chegaram, ficaram e/ou fugiam. O resultado disto é que, com o passar do tempo, parece-me certo supor que o número de escravos em Bragança oscilava constantemente. Sendo assim, é possível afirmar que estes grupos poderiam fazer parte dos antigos escravos e seus descendentes que estavam em Bragança, quando em 1790 viviam em tapiris na cidade, e que entre agosto e dezembro trabalhavam no plantio e nos roçados nas fazendas da região (PEREIRA, 1963, p. 79)

A irmandade de São Benedito surgiu neste contexto, com a permissão dos senhores e das autoridades da vila de Bragança:

O preâmbulo do *Primeiro Compromisso da Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança* confirma o que já sabia: as estruturas sociais produzem conformidades discursivas que não se consegue evitar. Assim o primeiro compromisso é uma testemunha do Sistema do Padroado implantado no Brasil. Desta maneira seria fácil verificar que o evento do surgimento da irmandade e do culto de São Benedito em Bragança é uma contingência dentro de um padrão cultural (SANT’ANNA, 2016, p.55), como diria Ruth Benedict: “A variedade de comportamentos que visam ganhar a vida, acasalar-se, guerrear e adorar os deuses transforma-se em padrões coerentes ...” (BENEDICT, 2013, p.43).

Aquele Compromisso da Irmandade foi reformado em função das exigências do Brasil império em 1853, quando artigos do primeiro compromisso foram considerados sem efeitos, a lógica do Padroado manteve-se intacta (BRANDÃO DA SILVA, 1997, p.26). Somente depois do período pós-missionário colonial é que algumas das amarras tornaram-se mais frouxas.

Com o passar do tempo, o número de pardos na cidade de Bragança cresceu de forma exponencial. Mas não foi somente a mudança de perfil étnico-racial que seria necessário observar, houve problemas de ordem sociorreligiosa que precisam ser colocados em tela para um melhor esclarecimento (BRANDÃO DA SILVA, 1997, p.26; CASTRO, 2006, p.135).

No contexto da passagem do Primeiro Império para Segundo, os pilares de algumas instituições começaram a ficar abalados. Os valores que se supunham estarem bem firmados começam a vacilar com a chegada das ideias iluministas, abraçadas pelos grupos que foram assumindo a cena política no Brasil e no contexto local. Quase um século mais tarde a Assembleia Geral da Irmandade de São Benedito de Bragança aprovou o seu *Primeiro Estatuto Social da Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança* em 07 de julho de 1946. Desde então esta se tornou uma Sociedade Civil: como verificado em seu Art. 2º: “A Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança, reorganizada pelo presente Estatuto, é uma sociedade civil”, dispendo entre as suas finalidades no Art 5º: “... tendo sido formado pelos primitivos irmãos uma organização profana de regosijo (sic) popular, que se denominou ‘MARUJADA’...” com as assinaturas reconhecidas pelo tabelião de Bragança Antônio Miranda.

Uma consequência direta desta decisão da irmandade foi o que Dedival Brandão da Silva assinalou como sendo desde então que de fato e de direito a Irmandade de São Benedito ganhou sua autonomia, não se subordinando mais a autoridade eclesiástica (BRANDÃO DA SILVA, 1997, p.35).

Saltou-me aos olhos a reafirmação das finalidades da “manutenção das tradições de regozijo social” e o sublinhar de que se trata de uma de “organização profana de regozijo popular”. Isto tudo levou a uma situação crítica ainda mais, onde se lê que a marujada passava a ser “uma manifestação folclórica mais expressiva e genuinamente bragantina”.

Desde a chamada *Romanização* (anos 1880 e 1920) os bispos da Reforma Católica buscaram realizar um realimento com a Santa Sé, buscando a imposição das um movimento que sob os influxos das “diretrizes estabelecidas no Concílio de Trento e reforçadas pelo Concílio Vaticano I” (MAUÉS, 1995, p.46; AZZI, 1991, p.229).

Com isto, os clérigos passam a insistir no modelo de “submissão dos leigos ao poder eclesiástico”. Sobre o respeito e a submissão, deveriam estar ligados à Igreja e ao Estado. E ainda esta submissão tinha que passar pela aceitação da negação de outro binômio da “devoção-promessa” em favor da “devoção-sacramento” (AZZI, 1991, p.67-76). Isto interferiu diretamente sobre as irmandades no Pará, não se excetuando a Irmandade de São Benedito de Bragança.

A irmandade na escaparia da sintonia fina que o clero. Com isto os romanistas começaram agir veementemente. A agência eclesiástica passou a caracterizar-se pela recusa das “manifestações que caracterizavam o catolicismo negro” (SANT’ANNA, 2014, p. 67). A romanização passou a recusar terminantemente o “valor religioso de rituais como dança e cortejos de negros” (VELENTE, 2011, p.213). Um modelo mais europeizante foi exigido cada vez mais.

A ausência do controle eclesiástico desde que a Irmandade se tornara uma sociedade civil causava na interpretação dos romanistas, comportamentos desviantes inaceitáveis. Os padres não concebiam tais coisas, como recriações fruto das reinterpretções do culto oficial. Gostaria de resgatar uma dicotomia perdida no medievo, jamais encontrada no Brasil.

Um das decisões que mais impactaram a situação da Irmandade foi o fato de que a arquidiocese determinou a proibição do uso de imagens na esmolação. Não se podia mais viajar pela praia, colônias e campos com nenhuma das três imagens de São Benedito com a bandeja de rosas. D. Eliseu Maria Coroli orientou a prelazia com base nos documentos do Concílio Plenário Brasileiro de 1940, dizendo: “... 2º) Os Padres devem explicar aos fieis que a solenidade das festas e devoções não consistem no arraial, nos fogos e nas girândolas, mas sim na frequência dos Sacramentos”. A higienização das festas ainda cobrava mais: “... a) os Padres e as Diretorias devem fazer todo o possível para que as festas não sejam profanadas com bailes”. Como intervenção direta D. Eliseu Coroli ordenou que “As Diretorias das festas devem ser nomeadas pelo Vigário, conforme autorização do Snr. Bispo Prelado” (SILVA, 2006, p.90).

Com base nestes dispositivos, os barnabitas decidiram produzir um processo civilizador de curta duração sem precedentes na região (ELIAS, 1993, p.191-274; BOURDIEU, 1991, p. 191-274), envolvendo questões de urbanismo, determinando o que deveria ser considerado espaço sagrado e profano na cidade, alteraram festas, calendários de modo “a controlar simbólica, folclórica, cultural e religiosa a devoção” do povo bragantino (SILVA, 2006, p.91). Houve uma marginalização aos modos de uma “contraestigmatização” foi elaborada em Bragança (ELIAS, 1993, p.19-50).

Esta grande “expressão de bragantividade” precisava ser protegida (ROSÁRIO, 2000, p.208), por isto em 1947 chegou-se ao auge das tensões, com quase cores cismáticas. O *Primeiro Estatuto Social da Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança* foi publicado no Diário Oficial do Estado do Pará.

E o Bispo de Bragança, através de uma portaria, extinguiu a procuradoria da Irmandade. Houve troca de missivas e documentação entre, agora, as duas instituições, sem que a questão chegasse a bom termo (SILVA, 2006, p. p.117-122). A pendência evoluiu para outros ambientes, tornou-se judicial, indo até o Supremo Tribunal Federal, onde o clero ganhou a questão, determinando a reintegração à Diocese de Bragança na posse da Igreja de São Benedito, em setembro em 1988 (ROSÁRIO, 2000, p.208).

A partir de então é o padre quem entrega as imagens para as Comitivas de Esmolação que viajam pela microrregião, pelas casas dos promesseiros. Isto aconteceu porque setores dos devotos ameaçaram amotinar-se contra o boato do fim da esmolação. Assim, mesmo não sendo mais a Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança, a Marujada está intimamente ligada a “ladainha, suplica, ao êxtase perante o Sagrado” (ROSÁRIO, 2000, p.208).

Hoje as Comitivas de Esmolação estão amparadas pela posição do clero latino-americano no Documento Final da V CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO e DO CARIBE em Aparecida, em 13-31 de maio de 2007:

Em nossa cultura latino-americana e caribenha conhecemos o papel tão nobre e orientador que a religiosidade popular desempenha especialmente a devoção mariana, que contribui para nos tornar mais conscientes de nossa comum condição de filhos de Deus e de nossa comum dignidade perante seus olhos, não obstante as diferenças sociais, étnicas ou de qualquer outro tipo.

Documento final, 2007 :

As Comitivas de Esmolação são vistas hoje cumprindo um papel na consolidação da consciência dos devotos, através dos elementos de sua “religiosidade”. O documento de Aparecida apela a “um discernimento pastoral para sustentar e apoiar a religiosidade popular com vistas à purificação dos sentidos religiosos”. Mas é preciso que se considere a palavra de Guilherme Luís Mendes Martins como um alerta da natureza das ladainhas presentes também nas comitivas bragantinas: “

A religiosidade dos cantadores de ladainha é dinâmica uma vez que há uma pluralidade de experiências. O catolicismo popular está presente nesta modalidade de oração expandindo-se pois, transcende a doutrina oficial agregando elementos do catolicismo popular uma vez que a mesma é organizada por leigos. Este ritual tem atravessado o tempo se reconfigurando, pois mesmo com o processo de permanências e rupturas no decorrer da história. Elementos de uma religiosidade do passado agregando um espaço citadino no cotidiano do século XXI.
(MARTINS, 2015, p.54)

Com isto, é justo afirma que o catolicismo caeteuara é o contexto festivo-institucional para as narrativas de São Benedito, por integrar diversos agentes da devoção bragantina. Assim foi possível retomar uma história que remonta quase 220 anos da devoção beneditina na região. Para o consumo desta pesquisa é importante lembrar que as questões centrais aqui são rituais das “Ladainhas civis” e da mendicância realizados por esmoladores foram sistematicamente interditados pelo “controle eclesiástico”. Como vi até aqui a estrutura pode sofrer realmente transformações, todavia estas se sedimentam sobre patamares anteriores capazes de lhes determinar até certo a futura trajetória. Deste modo eventos e estruturas são instrumentos úteis para o entendimento do devir da Irmandade da marujada como contexto institucional-festivo das narrativas de São Benedito de Bragança.

Mas além do tratamento da diacronia do contexto festivo-institucional das narrativas de São Benedito, será necessário também que no próximo capítulo me detenha na discussão epistemológica e paradigmática, para que me ajude a verificar os como as narrativas podem ser vistas entre as ações de todos os grupos envolvidos nas festividades de Bragança.

2. O emaranhado entre as festas e o drama, e entre os rituais e os mitos:

A tarefa a seguir é discutir as maneiras pelas quais poderia compreender como as narrativas de São Benedito projetam-se nas festividades de bragantinas, como também entender o papel que essas têm para o entendimento das devoções de Bragança. Por isto, tanto quanto possível existe a necessidade de fazer considerações epistemológicas.

Em dado momento, meus interesses se localizaram no fato de que na pesquisa sobre as marujadas possa ter ocorrido o desaparecimento do drama e da sua trama fundante no estudo daqueles rituais. Assim, penso que se fez necessário um estudo do núcleo narrativo hagiográfico nas festividades beneditinas de Bragança, principalmente porque neste particular dois dos investigadores da festa apresentam uma dissensão (BRANDÃO DA SILVA, 1997; SILVA, 2006).

Ficou patente a falta de um elemento clarificador das condições de como os contos circulam entre aqueles que são os atores da vida festiva bragantina. Foi neste contexto que percebi a ausência de uma tipologia interpretativa que desse a vazão à percepção que permitisse ver como as narrativas e práticas festivas se articulam dentro do contexto das devoções beneditinas de Bragança (SANT'ANNA, 2016, p.101). Para isto, é necessário perceber como um modelo interpretativo poderia servir de cenário para questionamentos e hipóteses para a conexão das narrativas e as práticas sociorreligiosas na Microrregião Bragantina.

Quando comecei a conversar com as pessoas sobre as histórias de São Benedito, logo tomei conhecimento da atuação do Santo no cotidiano, as histórias são muito enfáticas neste sentido. Tratam da ação de São Benedito, apresentam fragrantes de intervenções à consciência dos promesseiros:

Proponente	Conteúdo	Fluxo vocal/ Gestual
Dona Maria:	<p><i>Isso é assim, a maruja de promessa é aquela pessoa que faz o pedido lá pro Santo né? Pra São Benedito, como se diz o povo no linguajar, né? Católico que alcança a graça. Então, por exemplo, eu fiz a minha promessa, de sair de maruja enquanto eu existisse. Minha promessa foi essa. Porque eu pedi para que ele me ajudasse, quem sabe é Deus.</i></p> <p>(...)</p> <p><i>Eu estava fazendo as minhas orações à noite. Então me lembrei de CONVOCAR O NOME DE SÃO BENDITO PARA QUE ELE PUDESSE ME AJUDAR A CONSEGUIR UM TERRENO, ou uma coisa assim, mesmo que um cômodo, para eu pudesse me acomodar com meus filhos¹</i></p>	<p>[Discurso em prosa]</p> <p>[Performance vocal = ênfase]</p>

A lógica da apresentação desta narrativa a cima obedece à orientação sugerida por Luciana Hartmann em conexão a teoria de Júlia Kristeva,² para poder lidar com o conteúdo da narrativa.

A história da Dona Maria não é nada peculiar. Ouvi diversas narrativas de pessoas que fizeram pedidos a São Benedito, e este atendeu às súplicas de cada uma delas. A pessoa teve uma necessidade, por isto fez um pedido a São Benedito. A súplica foi atendida. Com isto, a pessoa que tinha feito uma promessa de que iria participar das festividades de São Benedito como maruja, realizou seu compromisso.

¹ Esta história me foi contada pela dona Maria, maruja permanente na Irmandade da Marujada de São Benedito de Bragança por 30 anos, em 15/06/2013. As narrativas de devotos e promesseiros serão apresentadas em itálico para reforçá-lhes o status de interlocução.

² Para apresentação das narrativas é necessário um enquadramento tripartido em campos que possam revelar os proponentes, o conteúdo de suas falas e os desempenhos gestuais e dramáticos utilizados, como reforçadores de eloquência, e, portanto confirmadores de competência ao falar do Santo. O quadro também apresenta divisões, fruto pausas da própria narração, não devendo ser confundidas como simples recortes feitos pelo pesquisador. Na verdade, estas são tentativas de reconstituir uma ambiência, uma retórica própria do narrador: “Performance então aparece como uma “experiência humana contextualizada”, de cujos atos performativos podem-se distinguir várias características, como: *display* (exibição dos atores), responsabilidade de demonstrar competência, avaliação dos participantes, experiência colocada em relevo, *keying* (sinais que focalizam o evento e indicam como ele deve ser interpretado).” (HARTMANN, 2005, p.132). Assim o desempenho do narrador visto de forma mais ampla estaria dentro do campo de visão do pesquisador. Desta maneira, o corpo do narrador também deveria ser etnografado também. Como também pode ser visto em Julia Kristeva: Ao tratar da anáfora e da cinese (tratamento de aspectos comunicativos do comportamento apreendidos pelo corpo em movimento), leva a consideração de que linguagem e gestualidade guardam sua autonomia. Ambas preservam também sua correspondência mesmo que em níveis diferentes: “Se os sinais cinésicos parecem ser, no código gestual análogo aos adjetivos, e aos advérbios, aos pronomes e aos verbos, eles são considerados como derivados da linguagem falada. Eles constituem uma primeira tentativa de estudar o código gestual como um sistema autônomo da palavra, posto que abordável através dela” (KRISTEVA, 2012, p. p.95.,101, 104-105).

A experiência vivida pelo devoto pode funcionar como um motor para a participação nos rituais beneditinos. A narrativa, a memória da ação do Santo, provoca um deslocamento em direção ao envolvimento das devoções bragantinas. Mas também, já encontrei casos de pessoas que participam hoje das Marujadas, porque seus pais tiveram pedidos atendidos, e por isto têm compromissos inadiáveis. Todavia, Michael Lambek pode ajudar a lembrar que as atividades humanas relacionadas à devoção podem se dá por diversos motivos, desde as mais diretamente relacionais a experiência com o divino até aquelas mais dissociadas, por isto, mesmo, mais relacionadas à dimensão cotidiana:

Daí tradições religiosas são susceptíveis de serem caracterizadas pela diversidade de práticas que excedam ou borram qualquer distinção clara entre imanência e transcendência.

(...)

Enfatizam a possibilidade e significância da experiência religiosa direta; em outros momentos eles rejeitam ou desvalorizam o mundo vivido em relativo ao transcendente. Uma maneira de pensar sobre a religião, então é precisamente como uma esfera de atividade humana concernente a articulação (em pensamento e prática) os limites e relações entre imanência e transcendência (LAMBEK, , 2013, p.16).

Na verdade, Renata de Castro Menezes e Raquel dos Santos Sousa Lima já apontam para o que chamam de “complexidade da devoção” que podem envolver “olhar, rezar, conversar, mandar beijos... também tocar, beijar e até abraçar”. Lembram também que o católico apresenta “multivinculações” aos santos, somente por estarem dentro de um calendário religioso (MENEZES, 2004, p.233-234; LIMA, 2015, p.144).. Desta maneira pode-se não só sentir-se vinculado a mais de um santo, como pode elencar mais de um motivo para a devoção.

Tive oportunidade de conversar com muitas pessoas que agiam assim. Vi nas procissões crianças de colo vestidas de marujinhos e marujinhas. Parece que os casos mais preponderantes em Bragança, são de pessoas que têm seus pedidos ou de seus pais atendidos, tendo compromissos diretos e indiretos com o Santo. E por esta razão se envolvem ativamente nas festividades de São Benedito. Esta é uma conjunção que dificilmente é quebrada nas narrativas do povo em Bragança. Participa-se das festividades porque se tem uma história de “graças” a ser mencionada.

Este é um fato tão real que o Estatuto da Marujada disciplina esta matéria: “todas as pessoas que queriam pagar promessa comparecendo (...) a festividade do Glorioso São Benedito...”. Todas as pessoas falam de uma vivência anterior, uma doença, uma oportunidade desejada. Todos foram alvos do Santo milagroso. Deste modo, observo uma conexão que os bragantinos fazem entre experiências pregressas com São Benedito e seu afã ardoroso nas devoções de dezembro em Bragança.

Devo agora tratar efetivamente de um modelo interpretativo para a realização de percepção de emaranhado das narrativas e festividades em Bragança. Talvez seja necessário sugerir um modelo interpretativo que seja bastante semelhante ao de Max Weber quando diz:

Trata-se de um quadro de pensamento, não da realidade histórica, e muito menos da realidade “autêntica”, e não serve de esquema no qual se pudesse incluir a realidade à maneira exemplar. Tem antes o significado de um conceito-limite puramente ideal, em relação ao qual se mede a realidade a fim de esclarecer o conteúdo empírico de alguns de seus elementos importantes, com o qual esta é comparada. Tais conceitos são configurações nas quais construímos relações, pela utilização de categorias da possibilidade objetiva, que nossa imaginação, formada e orientada segundo a realidade, julga adequadamente. (...) Nesta função, o tipo ideal é acima de tudo uma tentativa de apreender os indivíduos históricos ou seus elementos em conceitos genéticos... (WEBER, 2006, p.77-78).

O modelo interpretativo, segundo Weber está distante de produzir cenário anatômico para realidade objetiva. Antes, concebe um espaço de teorização referente ao exercício de aproximação à realidade social. É assim que Geertz pensa a cultura, como “contexto para sistemas entrelaçados de signos interpretáveis (...) descritos densamente” (GEERTZ, 1989, p.24). O modelo interpretativo precisa ser considerado como um processo teórico que não tem a função de intervir na realidade. Mas ajuda sim a medí-la de modo comparativo, sem abstrair uma norma regulatória. Tem objetivo de elucidar a massa de informação que se apresenta diante do pesquisador (WEBER, 2006, p.85-86). Para assim fazer também o que Georg Simmel sugere:

Tal possibilidade pressupõe o que se pode chamar de sujeito metodológico, uma criatura ideal que percorre todas essas criações em uma evolução compreensível (...) e cuja continuidade não se detém diante de cada obra em particular (SIMMEL, 2011, p.50-51).

O modelo interpretativo é capaz de produzir compreensão, fazendo que unidades insulares se relacionem umas com as outras. Estas unidades isoladas não são compreensíveis, mas quando articuladas umas às outras o cenário muda: “Compreender um conteúdo particular é, (...) compreendê-lo como uma manifestação da totalidade” (SIMMEL, 2011, p.53).

É importante clarificar as aproximações existentes entre as narrativas de São Benedito e a vida de devoção e folia do bragantino. É necessário que haja um esforço para pensar as camuflagens das articulações das narrativas e festas dentro do turbilhão vivo da experiência bragantina. Para que se possa verificar as ações e representações cosmológicas dos bragantinos articuladas às suas festividades. Para isto tive que ir estranhamente para outro tempo e lugar, para que o rememore outras vivências de outro povo. A pretexto de foco devo dirigir-me para a *Ilíada* de Homero:

Nove dias sibilam flechas pelos exércitos;
no décimo o *Aquileu convoca o povo à Ágora*,
inspiração de *Hera*, deusa, braços brancos,
aflita ao contemplar os danaos que morriam.
Depois que estavam juntos, reunidos, todos,
ergue-se e lhes falou Aquiles, pés-velozes:
“*Atreide*, agora – penso - o descaminho oblíquo
nos frustra e força o passo para trás, à morte salvos:
que, simultâneas, guerra e peste aos Aqueus domam.
Vamos, sem mais, ouvir arúspice ou vidente
- oniromante – que o sonhar provém de *Zeus*.
que nos explique um tal rancor em *Febo Apolo*:
se de omissos nos culpa, em votos, hecatombes
se lhe apraz receber de ovelhas e de cabras
seletas o perfume e nos poupar da peste
(tradução Haroldo Campos)
(HOMERO. Canto I, 53-67, 2002, p.33-35)

A busca de trecho da narrativa da *Ilíada* é de maneira alguma gratuita. Como dizia Clifford Geertz “tentar ler um manuscrito estranho”, cheio de “elipses, incoerências (...) mas com exemplos transitórios de comportamento modelado” (GEERTZ, 1989, p.20; 2012, p.36-36). Assim, este texto serve perfeitamente ao objetivo de produzir um modelo interpretativo aos moldes pensados aqui. Mas antes, é necessário considerar alguns aspectos importantes aqui.

o que interessa na narrativa de Aquiles frente à ira de Apolo. E é a possibilidade do chamado à *Ágora* por parte de Aquiles 461 ser visto como um modelo interpretativo a quem quer estudar as conexões entre narrativas e festividades político-religiosas que se mostra salutar: “dv=V agorende kalessato laon VAcilleuj [*ó agorende kalessato laon aquilleus/ o Aquileu convoca o povo à Ágora*]”, inspiração de Hera, deusa, braços brancos”, ou como Fernando C. de Araújo Gomes traduziu: “Aquiles convocou as hostes para um reunião. A deusa Hera, alvos braços, pusera esta ideia no seu coração”. (HOMERO. Canto I: 2001, p.10).

Este ato de Aquiles de chamar os gregos à *Ágora* que é particularmente interessante a iniciativa em curso relativo à percepção das conexões entre as narrativas e as devoções beneditinas em Bragança do Pará. A chamada à *Ágora* pode ser vista como cenário, um contexto interpretativo àquelas situações em que grupos possam se reunir com alegadas motivações de que há uma imperiosa convocação a atender com base nos humores da divindade.

O motivo que levavam o povo a acorrer à praça era a possibilidade de que os *dânaos* terem ofendido a Apolo. Assim haveria de se descobrir uma maneira de satisfazer a sua ira. Votos, sacrifícios e oferendas deveriam ser lhes dados com vistas a um perdão e a reconciliação com a divindade. Assim suas motivações se davam também dentro da dimensão religiosa. (VERNANT, 2009, p.42). Todavia, tal grandeza não deve ser reificada nos termos das tradições cristãs contemporâneas (MONTERO, 2006, p.250).

Fugindo da visão reificadora, não penso que na cidade de Bragança do Pará anualmente acontece um chamado à *Ágora* homérica. Não acontece historicamente um retorno aos tempos homéricos, em que os féis e foliões se reúnam para aplacar a ira de Apolo. Mas o que estou postulando é se a primeira experiência agoráticas ³ da *Ilíada* de Homero não provaria ser um cenário conceitual que permitiria o esclarecimento empírico de ver na participação dos devotos e foliões nas festividades beneditinas de Bragança entremear-se rituais, narrativas, cantigas e ladainhas? Desta maneira, poderia observar

³ O que tenho chamado de Experiência Agorática é à luz do episódio mencionado da *Ilíada*, a ação do devoto que sente-se compungido a participar de rituais, uma vez que em sua história pregressa tenha tido uma experiência com a divindade (santidade). Assim em Bragança poderia se dar da seguinte maneira: o devoto participaria de da marujada em razão de São Benedito ter lhe curado, ou a um ente querido.

com ajuda do modelo interpretativo das experiências agoráticas, qual são a configuração e a convergência entre a participação nas festividades de Bragança e a alegada experiência de intervenção de São Benedito na vida dos fiéis.

Em minhas conversas com pessoas de até credos religiosos diferentes entre os anos de 2011 e 2012, referiam-se como se as festividades fossem essenciais para cidade. Uns achavam que era importante porque a cidade ficava mais animada. Outros me disseram que era a oportunidade de rever amigos, ou familiares que vinham a Bragança. Muitos me falaram da importância das devoções beneditinas para o comércio da cidade. Mesmo não sendo devotos, mas como bragantinos, viam nas devoções uma forma de promover, ampliar a vida festiva de Bragança.

Posso entender porque a roda gira em Bragança. Se existe um movimento de reeditar as festividades anualmente, e este se dá principalmente pelo ímpeto devoto dos bragantinos, e pelas demandas de ordem políticas e sociais, mas faltava-me entender como isto acontece? Se as devoções beneditinas de Bragança se repetem a cada ano, em ensejo de que elas se movimentam? É neste contexto que gostaria de retomar aos estudos de Tim Ingold (2012, p.39) em contrapartida a Aristóteles e Bruno Latour (2012).

Segundo Ingold, o método *Hilemórfico* de Aristóteles relega os “objetos” à condição totalmente inferior. De modo que somente o sujeito pode realmente ser pensado. A nomenclatura e as definições de predicados apenas poderiam ser ditas a respeito do sujeito. Mas ao contrário, as coisas em geral, que estão na condição de predicados não têm, em tese, o poder de nomear os sujeitos, a menos que façam parte deles.⁵³⁰ Os objetos por não serem “substâncias primárias”, não podem deixar de dependerem exclusivamente dos sujeitos para que possam até mesmos existir (ARISTÓTELES, 2010, p.42-43). Mas Ingold prefere falar de coisas. Estas estão no mundo, como se vivessem em um “ambiente sem objetos” – (ASO).

É assim que busca trazer vida novamente para as coisas - os “agregados de fios vitais”. Um constante movimento de forma “irreprimível pelas superfícies porosas”, vazando a todo o momento, “uma linha de fuga que não mais admite qual segmento” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p.76). Este movimento das coisas se dá dentro de uma

ambiência dos fluxos vivos, dispensando a necessidade de uma teorização da “agência dos objetos”, que segundo Ingold, seria apenas um subproduto de uma tentativa malograda de estabilizar do modelo aristotélico, reforçando seu duplo reducionismo (INGOLD, 2012, p.34).

Gostaria de me deter de forma mais concentrada na noção de linhas de Ingold em “Traços fios e superfícies” em sua obra “*Lines: A brief history*”. A história das linhas proposta por Ingold mostra-se interessante, todavia gostaria de me focar nos atos de caminhar e de narrar, em “*Traços fios e superfícies*”. Apesar de inicialmente tratar da história da escrita, da notação e das linhas, em suas relações e transformações, o que chamou mais tarde de antropologia comparativa das linhas, fez uma taxionomia das linhas e fios que os chamou dos tipos: tópicos e traços (INGOLD, 2005, p.2). Depois de fazer a relação direta entre a linha, o texto e a narrativa, Ingold menciona um segundo pilar de suas considerações sobre as linhas que são as viagens, apoiando-se nas ideias de Paul klee. O pintor compara duas linhas e dois modos de viajar, ou caminhar: um é livre e o outro é compromissado (INGOLD, 2005, p.72-73).

Neste bojo lembrar que os mapas surgiram nos contextos das histórias de viagens. Muitas vezes foram produzidos na conjuntura de lendas ou mitos, com objetivo de ser um recontar da experiência de crescimento pessoal. Ou ele mesmo como diz: “Eles são linhas de movimento (...) linha refaz sua própria ‘caminhada’ através do terreno” (INGOLD, 2005, p.84).

Na viagem, o narrador faz um movimento de colocar cada tópico a cada nova etapa. E seu ouvinte saboreia a cada momento, movendo-se de lugar para lugar (CERTEAU, apud. INGOLD, 2005, p.91) Isto é totalmente diferente de ler-se uma obra que tem o seu enredo precomposto. É aqui que Ingold sem avisar seu leitor começa um novo embate a Aristóteles.

O que importa agora era considerar que em meu envolvimento com a pesquisa tive que lidar como uma situação que me parecia bastante singular. Em 2010 quando estive pela primeira vez em Bragança, senti-me um tanto decepcionado com a situação de que as pessoas pareciam “não saber” muita coisa sobre São Benedito. De fato poucos conheciam a sua hagiografia, ou poucos relatavam experiências pregressas com o Santo.

Foi somente do decorrer dos meses, através de diversas idas e vindas que comecei a ter alguns fragmentos de narrativas. Até que em junho de 2013 ouvi de forma clara: “*São estas histórias que os promesseiros contam para gente, os Encarregados passam para gente*” As histórias eram conhecidas no Tetro Museu da Marujada de São Benedito de Bragança, por intermédio de algumas pessoas que eram chamadas de Encarregados de Comitiva de Esmolação de São Benedito.

Foi neste contexto que comecei a perceber que as histórias de São Benedito jorravam pelos caminhos, trilhas e rios de Bragança. Pessoas tinham experiências e vivências diretas ou indiretas com São Benedito, mas poucas eram conhecidas na cidade. Eram narrativas de quem foi atendido em suas necessidades. Pessoas que se esforçavam bastante para cumprir seus votos. Também alguns destas tomavam compromissos que implicavam em sua vida inteira. Uma face começou a ser desenhada diante da pesquisa em curso.

As narrativas de São Benedito em Bragança tinham um mapa, um itinerário e um deslocamento. Sobre certos aspectos, ou melhor, dentro de determinado período, sua configuração formavam um emaranhado, onde seguem os fluxos das caminhadas dos esmoladores de Bragança pelas colônias, ou campos, ou praias. O percurso que as histórias faziam, superposto ao mapa de Bragança, constituiu um entrelaçamento intrincado, que somente pode ser distinguido por aqueles que de abril a dezembro perfazem as “epopeias de fé” das Comitivas de São Benedita.

O emaranhado das narrativas de São Benedito traça um rastro pelas regiões de colônias, campestres e praianas da região. Assim como alguém com uma linha na mão, os “Encarregados” vão desfiando os seus romances, ou carretéis pelas regiões bragantinas. Além de angariarem donativos, recolhem histórias que as pessoas têm de São Benedito.

Agora imagino que tenho condições de indicar que dentro das experiências agoráticas de Bragança acontecem o entrelaçamento, a vinculação entre narrativas e as festividades de São Benedito, onde este par se mostra ativo durante todo o ciclo, de abril a dezembro, a cada ano. Os bragantinos têm uma forma de se referir a estas vivências que experimentam que aparece até mesmo em sua literatura ilustre: “o chamado”. O chamado de São Benedito.

O chamado é o bragantino que ouve a convocação a sua *Ágora*, que lembra-se de benesses feitas por São Benedito, dívidas que tem com o Santo. Sabe que o “Santo é

tinioso”. Então vai, em meio à massa, vestido de marujo ou maruja, entrega-se ao festejar. Mas para além de uma abordagem epistemológica das narrativas de São Benedito, também foi importante fazer um levantamento dos percursos, da elaboração principalmente do perfil dos contadores destas histórias.

A narrativa e o emaranhado:

Neste ponto da pesquisa chegou à hora de me dedicar às pessoas que até então, tenho percebido, como integrantes fundamentais do processo de circulação das narrativas de São Benedito em Bragança,⁴ e em que condições estes relatos chegam ao conhecimento dos que estão em Bragança. Objetivo deste tópico é trazer à luz aqueles que têm se incumbido de fazer chegar, em grande medida as histórias de São Benedito das terras mais distantes da Microrregião Bragantina até a cidade, e como se esmeram como portador desde suas histórias e tradições ligadas à devoção beneditina.

As narrativas de São Benedito que estão dentro do meu foco são aquelas, fruto da memória das vivências de bragantinos, devotos, e que tiveram a oportunidade de participar de forma intensa, abrindo suas casas, recebendo a imagem do Santo em seus lares. Estes relatos são conhecidos pelos integrantes das comitivas de São Benedito, e, sobretudo pelos seus Encarregados. Os devotos recebem as comitivas de São Benedito em seus “giros” pelas regiões, termo que me vem a partir da pesquisa de Luzimar Paulo Pereira em seu livro: “Os giros do sagrado” um estudo sobre as folias na cidade de Urucuia – MG (PEREIRA, 2011, p.133-263).

Em comparação com o que foi observado em Urucuia, as Comitivas de Esmolação de São Benedito de Bragança seriam giros em grandes escalas, pois Luzimar Pereira diz que as folias de Urucuia: “Caracteriza [-se] por (...) lançar os integrantes da corporação de trabalho cerimonial, (...) às casas de território previamente estabelecida” (PEREIRA, 2011, p.155).

⁴ Os esquemas básicos de comunicação informam que não basta haver fonte e uma mensagem a ser informada. Na verdade os esquemas mais clássicos de comunicação exigirão codificação, canais, recepção e decodificação para um destinatário. Já o esquema circular cobra uma maior participação do destinatário, produzindo interpretações ad-infinitas. Todavia esquema de fluxo aberto permite recorrência de diversas variantes que podem fazer surgirem novos meios numa malha informacional. A interação comunicativa de implicam em um registro e a circulação de informações em uma sociedade. No caso das narrativas de São Benedito de Bragança, não se pode fazer jus a reprodução da tradição bragantina, sem que se considere algum elemento que funcione como meio de fazer chegar as narrativas. Os encarregados de Comitiva de Esmolação de São Benedito de Bragança serão fundamentais neste contexto. Para maiores esclarecimentos ver: BESSA, Dante Diniz. Teorias da comunicação. Brasília: Universidade de Brasília, 2006.

A circulação das Comitivas de Esmolação de São Benedito de Bragança se dá em um ciclo muito maior, assim como, percorre um distancia muito mais ampla do que aquela apresentada por Pereira (2011). Poderia fazer uma comparação mais a moda literária entre estas duas experiências em Urucuia–MG, relacionando-a a circulação das Comitivas de São Benedito de Bragança, utilizando a distinção feita entre a tragédia e a epopeia feita por Aristóteles:

A epopeia acompanha a tragédia até o ponto de ser a mimese dos homens de caráter elevados por meio de linguagem metrificada (...) e ainda quanto à extensão: pois a tragédia tende, tanto quanto possível, a se limitar a um único período de sol ou a exceder minimamente o período de um dia, enquanto a epopeia não tem limite de tempo... (ARISTÓTELES. 2015, p.69-71)

Segundo Aristóteles a epopeia seria uma história narrativa com uma métrica única, uma que não se limitar temporalmente. A expressão que Aristóteles utilizar para se referir ao tempo de epopeia é aoristo “tw crownw [aoristo *tô cronô*/tempo indefinido]” (ARISTÓTELES, 2015, p. 70 e 71). Trata-se uma ação que começa no passado e ainda hoje não tem o seu termino.

A circulação das narrativas de São Benedito de Bragança tem dimensões de uma epopeia. Estas narrativas de Bragança são aquelas mencionadas no contexto das enormes viagens que os esmoladores fazem todos os anos, desde o mês de abril até o dia 8 de dezembro, quando a última comitiva chega a cidade de Bragança. Este circuito lembra o que Ingold menciona dos inuit (INGOLD, 2005, p.75).

Assim como os inuit, as comissões de São Benedito se lançam na estrada, como viajantes duram meses, formando um emaranhado, uma malha entrelaçada por toda Bragança. Os caminhantes (ou andadores como o *Primeiro Estatuto da Irmandade de São Benedito de Bragança* os mencionava). Fazem um deslocamento de proporções épicas por toda a região. Segundo Ingold estes peregrinos têm uma “experiência de corporificada desde movimento de perambulação”. Os esmoladores de São Benedito são “linhas de peregrinação” (INGOLD, 2015, p.219-220). E exatamente isto que interessa. Seguramente tenho que me deter de modo mais duradouro para fazer a considerações necessárias às questões suscitadas aqui.

1 O encarregados de comissão de esmolação como narradores de São Benedito:

Como já disse: numa manhã de sexta feira, do mês de junho, em 2013, o seu Careca falava de maneira que a sua voz ecoava no Salão de Teatro Museu da Marujada de São Benedito de Bragança: “São estas histórias que os promesseiros contam para gente, os Encarregados passam para gente”. O seu Careca,⁵ tinha me dito algo grande importância: As narrativas de São Benedito se deslocam. Os promesseiros têm experiências com o Santo, e contam suas histórias. Contam como São Benedito concede graças. Mas muitas destas histórias foram também presenciadas por aqueles que fazem parte das Comitivas de Esmolação. Os *Encarregados das Comitivas de São Benedito* em suas viagens conhecem muitas destas histórias. E as Comitivas de Esmolação são muito tradicionais no ciclo de São Benedito.

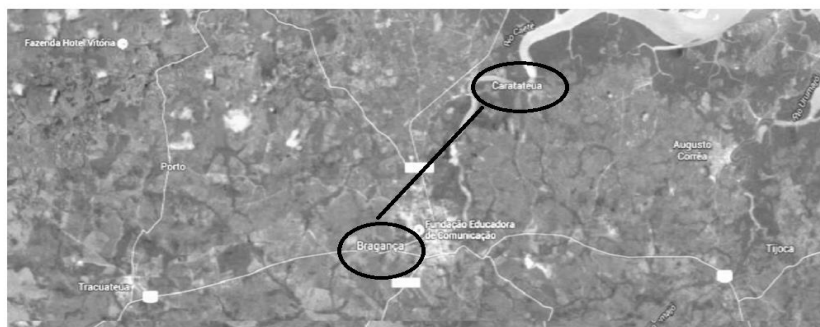
As comitivas dos esmoladores fazem parte integrante das devoções, embora comecem muito antes das festividades do ciclo de dezembro de São Benedito em Bragança. Estas são compostas de doze integrantes atuando dentro das funções de: rezadores, contra-altos, tamboreiros, carregadores do Santo e das Bandeiras. A comitiva também tem uma hierarquia de cargos que é coordenada pelo Encarregado. Esta é uma figura de grande importância naquele contexto.

São três as comitivas que serpenteiam por toda a Microrregião Bragantina. Cada uma das comissões passa por diferenciadas paragens de Bragança. Uma Comitiva de São Benedito é a das Praias, que circula pelo litoral do município e regiões vizinhas, agora indo até a cidade de Carutapera da Praia no Maranhão,⁶ nas regiões leste, norte e nordeste. Outra é Comitiva dos Campos, que se desloca entre os limites dos municípios de Tracuateua e Bragança, em direção ao oeste e noroeste. A última Comitiva de São Benedito é a das Colônias, que caminha pelo sudeste e sudoeste do município.

⁵ Esta história me foi contada pelo Sr. João Batista Pinheiro também chamado de seu Careca, Presidente do Conselho Permanente da Irmandade da Marujada de São Benedito de Bragança no dia 28/06/2013. Em: SANT’ANNA, Elcio. Experiências agoráticas como modelo interpretativo às festividades beneditinas de Bragança, 24f. [Artigo – PPGCS – Universidade Federal do Pará – UFPA] 2013. (Circulação interna), p. 17-18.

⁶ A distância em linha reta entre Bragança (Pará) e Carutapera (Maranhão) é 87.47 km, mas a distância de condução é 241 km. Leva 3 horas 38 mins de condução, para ir de Bragança a Carutapera. Disponível: Em: <http://br.distanciacidades.com/distancia-de-braganca-a-carutapera>. Acessado em: 14/08/2015.

Figura 8 – Deslocamento da Comitativa de Esmolação das Colônias



Fonte: Google Maps

São nove meses, circulando pelas estradas, fazendas, praias, atravessando propriedades, cidades, rios com auxílio de botes e barcos que “às vezes” promesseiros gentilmente oferecem para o deslocamento. Permanecendo distante de casa por todo este tempo, exceção feita por ocasiões esporádicas que cada um tem direito de viajar até os seus, não passando de cinco dias.

Desta maneira, as histórias de São Benedito vão ganhando especificidades dentro um mapa riscado, bem alinhavado na mente de promesseiros e esmoladores, como um “mapa visual (...) com uma série de caminhos entrelaçados, rotas e percursos”. No Teatro Museu da Marujada de São Benedito de Bragança, pode se verificar as coordenadas da ação do Santo, a partir do conteúdo das histórias, que são homologadas por Encarregados que as fazem chegar das regiões de Bragança. As histórias da praia geralmente fazem referências a peixes da região.

Na verdade, uma vez o seu Careca aludiu a um promesseiro que em vez dar os patos prometidos, deu peixes em uma ocasião, e como reprimenda a este fato o “Santo deitou”. O Santo deitou na mesa e depois no altar, indicando que a promessa não tinha sido cumprida. Isto reforça um convencimento de que é absolutamente necessário conhecer promesseiros e Encarregados, atores e narradores das histórias de São Benedito nas regiões de Bragança. Esta passou a ser a tarefa que busquei me concentrar. Encontrar pelas colônias, campos e praias, aqueles eram os “narradores de São Benedito”.

Quando fui conversar com o Seu João, *Encarregado da Comitativa de São Benedito das Colônias* em um dos ramais do município de Tracuateua aconteceu uma situação muito interessante. Era um dos poucos momentos de descanso para comitativa.

Não queria atrapalhar seus instantes de lazer. Por isto, perguntei-lhe se podia entrevistar um dos rapazes da comitiva sobre as histórias de São Benedito. E para a minha surpresa, Seu João interrompeu o seu repouso para conversar comigo. Foi ali que confirmei que existiam os detentores do conhecimento daquelas narrativas. O Seu João era um dos portadores de São Benedito. Bem que poderia ser um dos “*donos de São Benedito*” (SILVA, 2006, p.167). Neste contexto o Seu João falou-me da hagiografia nos termos oficiais, relacionando-a de maneira clara tradição de esmolado, dizendo:

Proponente	Conteúdo	Fluxo vocal/ Gestual
Seu João:	<i>Aí ali ele ia levando a bandeja coberta com o manto. Aí o padre disse: Benedito para aí, o que você vai levando aí. Ah, padre eu vou levando flores para o altar do Santo. Aí o padre olhou o manto, e era FLORES.</i>	[Discurso em prosa] [Performance vocal = ênfase]
	<i>Quando chegou lá as flores viraram comida. Por sinal, até hoje há muita criança atrás de São Benedito. E aí as pessoas querem ralar com as crianças. “o rapaz não, porque as crianças são do começo de São Benedito”! Ele fez a primeira caridade com as crianças. Às vezes a gente chega numa casa e tem uma mesa para a crianças. Tem menino a beça, mas também muita menina. Então quando a gente chega nas casas, a família mata o boi, mata o porco. Olha só de porco. Quantos porcos já foram? [perguntou em voz alta] Noventa e três porcos foram mortos. Então é nesta caminhada. Fora os bicos de criação, boi foi bem uns quatro. Bicos é galinha, é galo, é pato, peru. Dá muito para gente aí. Então aonde vai é aquela FESTA, porque o povo vai também.</i>	[Performance vocal = ênfase] [Performance vocal = ênfase]
	<i>Aí a gente chega lá, e é gente. Aquele MONTÃO de gente, porque tem comida também. Aí dono da casa faz um banquete pra nós primeiro, e aí a depois pro pessoal. Pro pessoal todinho que vem acompanhando, para assistir a ladainha. Aí quando a gente chega na casa, a gente faz a “chegada”. A gente chega na casa, vai JOGANDO A BANDEIRA,⁷ veste uma roupa. Os três que chegaram, foram os da bandeira, e o do meio, tem um contra-alto de baixo da bandeira e o da folia, batendo tambor, os detrás acompanhando. Então a que vai levando [o Santo] é a promessa da casa e vai entregar o Santo para a promessa da outra casa.⁸</i>	[Performance vocal = ênfase]
		[Performance vocal = ênfase]

⁷ Movimentos laterais, em que as bandeiras de São Benedito funcionam como estandartes que se cruzam formando uma dinâmica que facilmente é percebida a distância.

⁸ A única vez que eu ouvi a palavra folia em Bragança, foi esta mencionada pelo Seu João.

O Seu João tem o conhecimento da hagiografia de São Benedito. Sabe a história do milagre dos pães que se converteram em rosas, como também o milagre da criança que foi ressuscitada. Mas rapidamente a relaciona ao contexto da folia, do movimento de meninos e meninas que vão atrás da comitiva, ouvindo as músicas, acompanhando a ladainhas de São Benedito. Um aspecto importante que vale a pena considerar é que para o Seu João não há distinção entre a hagiografia e o cotidiano. A forma de lidar com as narrativas é de entrelaçar *vita* do Santo como os acontecimentos na caminhada (CERTEAU, 2002, p.270). É uma espécie de pensamento por complexo (VIGOTSKI, 1998, p.91-101). A narrativa apresentada por Seu João apresenta-se híbrida (LATOURE, 2013, p.17), não podendo ser reduzida a uma unidade primária, principalmente porque em sua mente é uma coisa só.

Os relatos da vida de São Benedito estão colados com eventos presentes na caminhada dos esmoladores. As crianças que seguem a comitiva estão dentro dos cuidados do Santo. O tratamento dispensado as crianças hoje está entrelaçada às histórias de antigamente, formando um emaranhado. Então os Encarregados sentem-se na obrigação de zelar pelas crianças, como também são guardiões “do tesouro espiritual da comunidade, da tradição” (BOSI, 1979, p.82). Assim a composição das histórias é espontânea. Mesclam-se, entretecem elementos presentes na trajetória das comitivas com experiência de devoção, por “gratuidade”.

Outro saber de um Encarregado de comitiva é conhecer a ladainha completa. Uma vez perguntei ao Seu João como foi que ele aprendeu. Eles me disseram leva tempo:

Proponente	Conteúdo	Fluxo vocal/ Gestual
Seu João:	<p><i>Por exemplo, um rezador tem que botar muito verso na cabeça. Pra reza uma ladainha... primeira a ladainha era chamada de ladainha nossa latina. Só tem a primeira palavra latina:</i></p> <p><i>“Quiara Lazon... Quiara Lazon...”</i></p> <p><i>Tem que aprender isto. A palavra que começa a ladainha</i> <i>“crista lazon de nó”.</i></p> <p><i>Então as outras são mais fáceis. Aí tem que carregar... e ÀS VEZES VOCÊ NEM ENTENDE. Para a gente aprender isso tem que andar com o Santo, e andar, tem o som do tambor e tem som da toada, tem os versos. Na esmolação é um som, na chegada e na Ave-maria e outro som. Cada um tem um som diferente.</i></p>	<p>[Discurso em prosa]</p> <p>[repetição, paralelismo]</p> <p>[Performance vocal = ênfase]</p>
Elcio Raymundo Jr:	<p><i>Quanto tempo leva alguém aprender a ladainha e o pessoal que toca aprender todos os ritmos e músicas, e onde eles aprendem? É aqui na comitiva, ou em outro lugar?</i></p>	
Seu João:	<p><i>Eles têm que aprender na comitiva mesmo. Quer dizer eles se botando para aprender... Tem um rapaz que não sabia nada, só bater tambor. Hoje ele já faz o contra-alto. Ele já canta também. Ele presta atenção. Por cada ladainha é uma vez só. Ela é mais curta mais fácil, De noite ela é mais longa. Então tem que aprender os pedido, tem vários pedidos. São várias palavras.</i></p>	<p>[Performance vocal = ênfase]</p>

Seu João teve o seu conhecimento de Encarregado adquirido paulatinamente na experiência de caminhada. Uns vão ensinando para os mais jovens. Sendo que em seu caso, por ter se tornado Encarregado, depois de adulto, não tivera a mesma oportunidade como os demais. No dia vinte seis de dezembro de 2015, em sua casa, Seu João me confidenciou que os filhos dele voltaram a insistir que deixasse de viajar. Ele próprio tem pensado nisto. Todavia, disse-me que acha muito difícil, porque sente-se atraído por São Benedito. Toda vez que está perto de São Benedito sente-se bem: “*como se São Benedito estivesse me*

chamando”. Seu João viu muita coisa que pode realmente reforçar a sua crença em São Benedito. Contou muita coisa que acontecia nas caminhadas pelas colônias, por exemplo:

Proponente	Conteúdo	Fluxo vocal/ Gestual
Seu João:	<p><i>Oh isto aconteceu comigo, OH:</i></p> <p><i>Eu disse para minha esposa: - “VAI PARA LÁ QUE O SANTO VAI PASSAR, e a gente vai matar ela [a porca]. Quando Santo passar nós vamos matar esta porca</i></p> <p><i>Aí terminou o ano da caminhada. Quando chegou faltando cinco dias para eu ir para casa. Aí eu disse:</i> <i>- Rapaz São Benedito vem pra cá, o que a gente faz? Rapaz eu vou lá no sítio, lá no nosso sítio. Vou comprar uma porca, para nós matar. Nem eu, nem ela arrumamos nada. Aí eu fui lá.</i></p> <p><i>Tinha um vizinho, tinha uns porcos, né? O Santo ia também ficar na casa dele. Sítio dele era aqui, e nosso mais ali na frente. Passei lá e ele direto: RAPAZ VOCÊ TEM UM PORCO? O Santo vai lá em casa. Eu quero comprar um porco. E aí fui lá.</i></p> <p><i>Então ele disse assim:</i> <i>- Seu João, eu não tenho, mas o Licéio, meu filho tem.</i></p>	<p>[Assume a responsabilidade de contador]</p> <p>[repetição, paralelismo] [drama] [performance vocal = ênfase]</p> <p>[reflexão do narrador] [Pronunciamento em reported speech]</p>
Elcio e Raymundo Jr:	<p><i>Então Licéio disse: - Oh Seu João, eu tenho uma leitoa bonita, SESSENTA E CINCO A SETENTA QUILOS.</i></p> <p><i>Marrei na ponta da bicicleta uma talha e marrei ela, fui embora. Cheguei lá e a porca no chiqueiro. Agora porca está aqui. Eu tenho mais umas coisas, mais patos aqui, mais umas galinhas... Uns patos para matar pra ajudar. Porque quando chega aqui em casa é muita gente. Aí marrei a porca no pé do limoeira, e fui lá pra feira, pra fazer uma compra pra lá. Aí eu fui embora. Quando eu cheguei em casa, a porca estava meia coisa, e a mulher assim com um copo de leite na mão. Aí eu disse: ei, o que já foi isso aí.</i></p>	<p>[retoma o discurso em prosa] [performance vocal = ênfase] [aponta com a mão]</p>
Seu João:	<p><i>A minha esposa me disse:</i> <i>- Ah que tinha um rato no quintal, aí botei um veneno num ponto lá. Mas fazia um bocadinho de dias já. E lavei em emborqueei ela. A porca se desmanchou dela, de onde ela estava, se deitou, o veneno afetou ela, né? Porque estava lavado, mais estava virado ali. Eh, agora o que a gente vai fazer?</i></p> <p><i>Eu disse:</i> <i>- Não sei o que fazer só tinha este porco lá. Aí eu falei não vai matar este porco não. A porca pode estar afetada de verniz. O que a gente vai fazer?</i></p> <p><i>Aí eu me lembrei, esta não era a porca que a gente vai matar para São Benedito. Ela está lá no chiqueiro. Aí eu disse pro meu filho. Vai lá e matar a porca. Quando chegou lá parece que não tinha acontecido nada com ela. A porca estava roncando. Porque aquela que era a porca. Não era aquela. Quando foi dia de ano. Eu dei pro Careca pra passar para o pessoal da Marujada. ⁹Então isto foi uma coisa que aconteceu. Isto não foi culpa nossa, foi esquecimento. Está brincando com coisa séria. Então já aconteceu isto</i></p>	<p>[reflexão do narrador] [dialogismo em reported speech]</p> <p>[reflexão do narrador] [dialogismo em reported speech] [performance vocal = ênfase]</p> <p>[retoma o discurso em prosa]</p> <p>[dialogismo em reported speech]</p> <p>[Pronunciamento em reported speech]</p> <p>[retornado do discurso em prosa] [Sorriso evidente]</p>

⁹ A porca seria doada para o leilão que acontece nos dias das festividades de São Benedito que vai até o ano novo.

É fácil ver assim, mesmo depois de tantos anos os Encarregados têm que se reportar a diversos lugares de poder. Desta maneira o Seu João tem que se resguardar em diferentes frentes em Bragança.

As narrativas enfocadas foram aquelas que envolveram a devoção de colonos bragantinos. Era a memória dos que participaram dos rituais beneditinos, abrindo suas casas, recebendo do Santo em seus lares para pagam promessas, oferecem “pornoites”, almoços e “jantas”. Estas narrativas têm os Encarregados de Comissão, como portadores, “Narradores de São Benedito”. As narrativas da experiência de fé do colono obedecem a um circuito, um itinerário que são as colônias, nas regiões sudeste e sudoeste do município.

Há somente um ofício não reconhecido do Encarregado, é o que de fato é “ser portador da história de São Benedito”. É ele quem pode ouvir o colono, presenciar sua fé, testemunhar sua dor. E em muitos casos participar da alegria do colono pelas graças recebidas. Tal ofício de fato existe, e por causa dos muitos anos que um Encarregado pode permanecer ocupando esta função, o acúmulo de histórias vai se dando de forma crescente.

Nestas narrativas a divindade é interferente, e leva os devotos a participarem de rituais. Surge no contexto das esmolações, formando uma malha de histórias, um emaranhado de narrativas pela região das colônias da microrregião, entrelaçando sentimentos de devoção e da experiência cotidiana. Surgem do chão das Colônias... Funcionam realmente como “suporte de devoção”, fazendo a manutenção do link entre cotidiano e os rituais, é que foi chamado “*Experiência agorática*”.

2 Narrativas emaranhadas dos encarregados de comitivas de esmolação de São Benedito

O cerne deste trabalho são as narrativas de São Benedito, sabendo que estas não se desvinculam de forma alguma das festividades bragantinas. Estas formam um par com a devoção, mas que nesta pesquisa ganhou a especificidade da fé do colono bragantino. Aquele viveu de forma intensa experiência da intervenção do Santo, por causa disto, dispõe-se a recebê-lo, na forma da Comitiva de Esmolação do Santo bragantino. Assim o colono tem sua *Experiência Agorática* reúne vivência, memória e ritual.

Como forma de acesso a essas experiências, coube-me alcançá-la através um dos mais importantes saberes daqueles que exercessem a função de Encarregados das Comitivas de Esmolação de São Benedito de Bragança, que cumprem o ofício de narrador de São Benedito. Como já mostrei, são viajantes, peregrinos que cruzam as longínquas distâncias bragantinas, sendo muitas vezes os únicos agentes religiosos a chegar à casa dos promesseiros.

As narrativas que serão apresentadas trazem a marca dos “mapas verbais”, trazendo consigo a dinâmica das caminhadas, muito mais evidente que os enredos previamente compostos da inventiva ficcional estrito senso. Antes se entrelaçam a acontecimentos, eventos, fatalidades, também são apreendidos pela consciência historicorreligiosa.

As narrativas que serão mencionadas aqui devem ser entendidas como um fragmento das obtidas na experiência etnográfica junto aos colonos. São as memórias das vivências com os devotos em suas lides com o Santo. Estas são conhecidas porque os Encarregados de Comissão de Benedito, seus agentes de circulação são portadores destas histórias. Por isto, serão fornecidas as histórias mencionadas pelo Seu João, um dos Encarregados da Comitiva de São Benedito das Colônias da Microrregião de Bragança:

Proponente	Conteúdo	Fluxo vocal/ Gestual
Seu João:	<p><i>A gente olha para São Benedito, às vezes para as feições do Santo, e a gente vê as suas feições meio para baixo, é o dia que a gente passa todas. É dia que a gente só passa PEIA. A gente sai passa fome, passa chuva, pega tudo, tem dia que a gente pega peia mesmo. A gente sabe que não tá satisfeito o Santo hoje. Mas quando a gente amanhece bem cedinho, e a gente olha para e vê, ele está ALEGRE. A gente olha para as feições dele. Não sei se impressão da gente, mas a gente olha e parece que ele está feliz. É mode ele soa mesmo. Aí a gente anda num solão, debaixo de um calor tremendo. Aí a gente vê aquele negócio escorrendo nele assim. Aquela coisa assim.</i></p> <p><i>Só em olhar pro Santo. Eu já prestei atenção nisso. A gente já percebeu isto. A gente olha pro Santo é a gente sabe se o dia vai ser bom. Aí a gente diz: HOJE O DIA VAI SER BOM PARA GENTE. Tem dia que ótimo. Acontece tanta coisa boa. O almoço é bacana, tudo corre bem. Mas o dia que a gente ver assim, a gente passa mal, passa mal. É sol de manhã cedinho. Porque tem casa que a gente chega, e faz a pernoite, e que a gente não quer nem sair daquela casa. As pessoas nos agradam. Uma merenda boa. Uma comida boa. Tudo ali agrada. Mas tem casa, que quando dá alvora, A GENTE QUER IR EMBORA. Tem casa que a gente vai tomar café já é oito horas. A gente acorda cedinho, e o café só vai sair às oito horas. Tem casa que a gente é bem recebido.</i></p>	<p>[enquadre de início - o contador assume a responsabilidade] [retoma o discurso em prosa] [performance vocal = Ênfase] [passa com a mão no pescoço].</p> <p>[performance vocal = ênfase]</p> <p>[retoma o discurso em prosa] [performance vocal = Ênfase] [Pronunciamento em reported speech] [retoma o discurso em prosa]</p>

Seu João mostrou-se um exímio narrador das histórias das caminhadas. Evoca para si a cena de modo a me impactar com seu relato. Ele faz uso adequado de gêneros: ora fazendo uso improvisado de poesia enfatizando as repetições e paralelismos, ora utilizando-se de prosa. Contraria a suspeita de que homem do campo, talvez não dispusesse de todos estes recursos para apresentar uma história. Além de demonstrar uma competência de narrador, deixa claro que é devoto, primeiro porque seus pais o foram; segundo porque é consensual com sua esposa. Mas também, porque tem sua própria experiência com Santo.

Seu João que tinha uma disposição férrea, mantendo-se na ativa até os 78 anos a frente da comitiva, agora estava dando sinais de que, talvez a tarefa estivesse além de suas condições no presente momento. Uma vez Seu João me disse que já havia sido curado de sua surdez por São Benedito. Agora só começou imaginar que queira “*se apegar o seu São Benedito*”.

Tinham acontecido outras coisas que mereceram ser lembradas por ele. E este era um caso que reúne o Seu João e o Seu José em um único episódio que é bastante importante:

Proponente	Conteúdo	Fluxo vocal/ Gestual
Seu João:	<p><i>Aí chegou um lá que era protestante, evangélico, um crente, um dono de um gado grande, de uma fazenda grande. Aqui tinha um caminho que ia dá lá na frente. E a gente ia por aqui. Então quando Santo ia passando pela frente da casa dele, ele joga pedrada, soltava cachorro. Um bando de vaqueiros para atrapalhar.</i></p> <p><i>Então o Santo passava e fica rodeado, ia até a casa uma velhinha, que fica de frente para casa dele.</i></p> <p><i>Aí ele diz: - Ela nasceu agarrada com este santo aí!</i></p> <p><i>Aí quando o Santo saia de lá, ele bolia dizendo: - agora a senhora vai comer capim. Sustentou estes frades aí, agora vai comer capim, que nem cavalo.</i></p> <p><i>Aí começou a caçoar da velhinha.</i></p> <p><i>Aí começou a morrer o gado dele. Começou a morrer, começou a morrer... Todo dia era enterrar dois, três bois. Aí mulher do dono dois, do fazendeiro foi falar com a velhinha, porque ele tinha feito aquela promessa pro Santo ficar lá na casa dela.</i></p> <p><i>Aí a velhinha contou: - Bom porque sabe se o marido dela aceitasse o Santo.</i></p> <p><i>Aí ela disse: olha, eu já queria dizer a que tempo! Diga pro seu marido aceita bem São Benedito, para fazer nenhuma desfeita. Soltar muito foguete, que ele vai ver se vai morrer mais algum boi. Aí disse: que ela foi dizer na hora do almoço.</i></p> <p><i>dois bois mortos para lá. Os boi estavam para lá. Mas nós acabamos de enterrar cinco. Sim mais tem mais dois.</i></p> <p><i>Aí ele disse: - tá, tá bom.</i></p> <p><i>Aí ele ficou muito zangado, e tomou a decisão, e disse: - VALÉI-ME SÃO BENEDI</i></p>	<p>[enquadre de início - o contador assume a responsabilidade] [retoma o discurso em prosa]</p> <p>[Dialogismo related Speech]</p> <p>[retomada o discurso em prosa]</p> <p>[dialogismo related speech]</p> <p>[retomada do discurso em prosa]</p>

Proponente	Conteúdo	Fluxo vocal/ Gestual
Seu João:	<p><i>Agora vou me apegar com São Benedito. São Benedito, esse boi aqui é teu, São Benedito. Eu vou entregar o meu boi, assim que santo passar por aqui. Este boi aqui é para dá, e este boi aqui é pra matar pra ter quatrocentos quilos de carne. É pra matar e pra cozinhar, pra dá pra todo mundo, porque e eu não quero ver nenhum pé ruim com fome nesta casa. E aí, foi, noutro dia foram enterrando os dois bois ainda. Aí passou mais seis meses, Noutro dia, noutro dia, mataram de madrugada, na hora da virada.</i></p> <p><i>Era quatro horas, era hora da virada. Bati o tambor e todo mundo acordou, e todos saíram a porta. De repente todo mundo outro um som</i></p> <p><i>BOTOQUE TOTOQUE BOTOQUE TOTOQUE,</i></p> <p><i>Aí o filho diz: -Papai é o som de um carro. Mas que carro, ninguém por estas bandas tem carro. Aí era o dono da beirada, que chegou de carro.</i></p> <p><i>Aí disse de novo: - Papai é que nem um carro.</i></p> <p><i>Aí alguém disse: - Que este homem é aquele que é crente, que não deixar nós rezar em paz. Com certeza ele vai impedir de nós ficar lá. Ele quer que a gente vá ficar a noite inteira na casa dele. Ele não pode fazer isto não. Mas ele quer acabar com o Santo. Todo mundo sabe que se ele pegar o Santo ele vai quebrar tudo miúdo.</i></p> <p><i>Aí muitos promesseiros chegaram pra nós, e disseram: - Vocês vão ficar na casa daquele homem? Mas Encarregado, Você não sabe da notícia que se esse homem pegar este santo ele vai quebra todinho. Não ele não quebra não, ele não vai fazer isso não. (...)</i></p> <p><i>Aí, ele chamou o filho dele, e disse: - VAI BUSCAR AQUELE BOI!!</i></p> <p><i>Aí ele amarrou naquele moirão perto da casa. Aí povo foi chegado, ficaram vigiando o Santo.</i></p> <p><i>Aí ele disse: - esse pessoal me atende, como assim, são promesseiros de São Benedito de Bragança. Passa para eles que isto aqui é pra ele. É pra que todo mundo fique aqui em casa para assistir a reza, e que vai ter muita carne. E pra jantar, porque vai ter janta para todo mundo.</i></p> <p><i>Aí todo mundo foi beijar o Santo. Aí ele foi beijar o Santo, e foi conversar com o Santo: - Meu São Benedito, você me perdoe, de tudo aquilo que eu já falei de você. Daquela vergonha daquele pernoite lá. Que eu discuti com ela. De hoje em diante vou ser seu amigo. Você vai ficar em minha casa, toda a noite. Todo mundo queria que o Encarregado continuasse ficar alguma coisa ia acontecer. Mas eu fiz questão de ficar. Queriam que se movesse. Mas aí ele entregou o Santo. Noutro dia deu duzentos cruzeiros em dinheiro.</i></p>	<p>[dialogismo related speech] [performance vocal = ênfase]</p> <p>[retomada do discurso em prosa]</p> <p>[paralelismo, repetição]</p> <p>[Uma onomatopeia] [performance vocal = ênfase]</p> <p>[Paralelismo, repetição] [dialogismo related speech]</p> <p>[dialogismo related speech]</p> <p>[retomada do discurso em prosa]</p> <p>[dialogismo related speech] [performance vocal = ênfase]</p> <p>[retomada do discurso em prosa] [dialogismo related speech]</p>

Depois Seu João e Seu José falam do problema de intolerância religiosa na região, que só foi amenizada medida em que São Benedito interferiu na vida do perseguidor. Na medida em que o rebanho foi dizimado, provocando outras tendências na região.

Conclusão:

O estudo das narrativas em conexão com as festividades beneditinas na cidade de Bragança do Pará vinha sendo prescindido, em função de uma metodologia e um direcionamento epistemológico, ou que se fixava no empirismo concentrado excessivamente nos dados levantados no campo, ou se perfilando mais ao flanco do racionalismo extremo realizando uma interpretação desconectada da vivência dos grupos dentro da dinâmica cultural bragantina. Assim foi necessário partir para outros desenvolvimentos em relação à investigação.

Como um primeiro resultado parcial, é justo afirmar que o catolicismo caeteuara é o contexto festivo-institucional para as narrativas de São Benedito. Assim o levantamento de uma diacronia da Irmandade da Marujada de São Benedito de Bragança me ajudou a realizar uma importante etapa da pesquisa que foi o inventário dos marcos historicossociais, condicionantes da sua trajetória.

Foi desta maneira que uma história a partir dos documentos da Irmandade e suas antecessoras foram dispostas, configurando através de diversos regimes discursivos tanto as mudanças, quanto as constâncias estruturais nestes quase 218 anos. Quando foi possível recuperar eventos e metáforas fundantes que remontam o culto beneditino na microrregião.

Através do a) Primeiro Compromisso da Irmandade do Glorioso de São Benedito de Bragança; e os b) Primeiro e Segundo Estatutos da Sociedade Civil Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança, foi possível perfazer o seu caminho desde os idos do século XVIII “quando escravos ergueram uma igreja a São Benedito”, construindo-se deste modo como uma instituição do catolicismo brasileiro dentro do sistema do Padroado Régio, perpassando também por uma sua adequação às exigências do Brasil Império (1853).

Em um segundo momento, tive a necessidade de encontrar uma tipologia interpretativa da articulação entre as práticas festivas e as hagiografias de São Benedito, um elemento clarificador da circulação das narrativas em meio às festividades beneditinas.

O material etnográfico deixou claro que a experiência do devoto funcionaria como motor nos rituais beneditinos. Os motivos para devoção bragantina foram deste modo se adensando a ponto de permitir a interpretar de que a relação: devoto-santo em Bragança seria muito mais complexa do que somente a entendida nos termos “devoção-promessa”, embora na maioria dos casos os meios de divulgação enfatizem esta relação. Mas devoção também poderia ser considerada em termos de “parentesco, afinidade, intimidade” e outras.

É desta maneira que comecei entender a manutenção das devoções beneditinas em Bragança. Estas se mostram em constantemente em movimento. Porque para os devotos São Benedito está agindo o tempo todo. Por isto eles dizem: “Eh vem São Benedito”!!

Assim as narrativas de São Benedito na boca do devoto que viaja são “mapas verbais” ou como poderia também ser dito: “a linha do mapa que é muito condizente com narrativa”. É por isto que no Teatro Museu da Marujada de São Benedito de Bragança tem quem diga como muita segurança que: “São estas histórias que os promesseiros contam para gente, os Encarregados passam para gente”. As narrativas da experiência de fé do colono obedecem a um circuito, um itinerário que no caso da pesquisa em curso, restringiu-se a região das colônias, sudeste e sudoeste do município.

Estas comissões de esmolação entram em circulação antecipando tremendamente o ciclo de São Benedito, pois para os devotos da colônia, São Benedito anda em seu meio de abril a dezembro de cada ano. São um total de nove meses de ladainhas, cantorias, rezas e paga de promessas.

O Encarregado de Comissão de Esmolação de São Benedito tem uma série de tarefas oficiais, atribuídas a ele. Os Encarregados cuidam do moral do grupo, participam da reza, podem ser um exímio cantador, conhecem a hagiografia do Santo, prestam contas donativos e carnês de contribuição. Há somente uma tarefa que não foi confiada ao Encarregado, mas que com o passar do tempo foi se tornando um patrimônio incorporado a sua biografia: “ser portador da história de São Benedito”. Ninguém o incumbiu de tal função, todavia, nenhuma outra pessoa está em melhor posição para ouvir o colono, presenciar sua fé, testemunhar sua dor. E em muitos casos participar da alegria do colono pelas graças recebidas.

As narrativas de São Benedito acabam por funcionarem como “suporte de devoção”, fazendo a manutenção do link entre cotidiano e os rituais, é que foi chamado “*Experiência agorática*”.

O elemento fundamental aqui foi entrar em contato com Encarregado da Comitiva das Colônias, o fato de que a primeira história circunstanciada, de elementos tais como proponente, personagens conhecidos e lugares reais.

No contexto da esmolação colonos e esmoladores se encontram, diante de São Benedito celebram, festejam e agradecem o “Santo milagroso”. Promesseiros e Encarregado sabem que isto acontecer por diversas vezes ainda. Porque eles olham um no olho do outro, e vêem a importância dada por eles. Vi promesseiros receber a imagem de São Benedito aos prantos. Por isto penso que o Encarregado em sua experiência sabe exatamente que devoto mostra-se fiel a São Benedito.

O que quero implicar com este estudo é que estes narradores de São Benedito existem, mas com este ofício são ilustres desconhecidos. Como portadores do “conhecimento sagrado” de São Benedito não são sequer nomeados. Levei mais de ano para relacioná-los com a tarefa de fazer a circulação das narrativas na microrregião.

Parece-me que um ofício secular, tradicional, imprescindível para o suporte da devoção beneditina de Bragança permanece invisibilizado. Não se consegue ver a importância destes homens. Nem o esforço que eles realizam, ao integrar e fazer a manutenção do “catolicismo caeteuara” em toda a microrregião.

Fiz somente uma pesquisa como esmoladores da comitiva das colônias. Não pude me encontrar com as comitivas das praias e dos campos. Imagino que interpretações outras podem surgir. Diante disto gostaria de incentivar outros desenvolvimentos na área.

Existe a necessidade de continuar aprofundando a leitura de como as festividades se servem das histórias de cada devoto? Qual é impacto na vida festiva das cidades, a partir da vivência camponesa e praiana de Bragança? Sei hoje que existem jovens e senhores, num número aproximado a trinta e seis pessoas, que visitam a casa de milhares de bragantinos, devotos de São Benedito, e quando volta, deslocam-se fazendo a manutenção de um catolicismo resistente, cambiante da região.

Referências

- ARISTÓTELES. Poética/Aristóteles. Trad. Paulo Pinheiro. ed. bilíngue. São Paulo: Editora 34, 2015.
- AZZI, Riolando. A Crise da cristandade e o projeto liberal: História do pensamento católico no Brasil – II. São Paulo: Paulinas, 1991.
- BENEDICT, Ruth. Padrões de cultura. Petrópolis: Vozes, 2013.
- BORDALLO DA SILVA, Armando. Contribuição ao estudo do folclore amazônico na Zona Bragantina. 2. ed. Belém: Falangola Editora, 1981.
- BORDALLO DA SILVA, Armando. Contribuição ao estudo do folclore amazônico na zona bragantina. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Nova Série, Antropologia n. 5, julho de 1959, p.1-76.
- BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- CARVALHO, Gisele Maria de Oliveira. A festa do “Santo Preto”: Tradição e percepção da marujada bragantina. 2010. 166f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável) - Centro de Desenvolvimento Sustentável - Universidade de Brasília – UNB – Brasília.
- CASTRO, Edna (Org). Escravos e senhores de Bragança: Documentos históricos do Século XIX, Região bragantina, Pará. Belém: NAEA, 2006.
- CERTEAU, Michel de. Uma variante: a edificação hagio-gráfica. In.: A Escrita da História. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2002. p. 266-278
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. Mil platôs. Vol. 3. 2. ed. São Paulo: Edições 34, 2012.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. Mille Plateaux. Capitalisme et Schizophrénie Vol. 2. 2. ed. Paris: Les Éditions de Minuit, 1980.
- ELIAS, Norbert. Estabelecidos e outsiders. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.
- ELLER, Jack David. Introdução à Antropologia da Religião, Petrópolis: Vozes, 2018.
- FERNANDES, José Guilherme do Santos. Pés que andam, pés que dançam: Memória e identidade e região cultural na esmolação e marujada de São Benedito em Bragança (PA). Belém: Eduepa, 2011.
- GALVÃO, Eduardo. A vida religiosa do caboclo da Amazônia. Boletim do Museu Nacional. Série Antropologia, no.15. 1953. Disponível em: <http://ppgasmuseunacional.web565.kinghost.net/Boletim_MN/Boletim%20do%20Museu%20Nacional%2015.pdf> .Acessado em 13 de set. 2013.
- GALVÃO, Eduardo. Santos e Visagens. São Paulo: Brasiliana, 1955.
- GEERTZ, Clifford. Interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GEERTZ, Clifford. O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa. Tradução de Vera Mello Joscelyne. 12. ed. Petrópolis, Vozes, 2012.
- HARTMANN, Luciana. Performance e experiência nas narrativas orais da fronteira entre argentina, Brasil e Uruguai. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 11, n. 24, p. 125-153, jul./dez. 2005.

- HARTMANN, Luciana. Tomazito, eu e as narrativas: Porque estoy hablando de mi vida. In.: GONÇALVES, Marco A. (Org.); MARQUES, Roberto; CARDOSO, Vânia. Etnobiografia: subjetivação e etnografia. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2011.
- HOMERO. *Ilíada* de Homero. Vol. 1. CAMPOS, Haroldo de. (trad.). VIEIRA, Trajano (Introd. & Org.). 3. ed. São Paulo: Arc, 2002.
- HOMERO. *Ilíada*: em forma de narrativa. GOMES, Fernando C. de Araújo (trad. e Adap.). Rio Janeiro, Ediouro, 2001.
- HOMERO. MHNIS: A ira de Aquiles. Canto I da *Ilíada* de Homero. CAMPOS, Haroldo de (Trad.); VIEIRA, Trajano (Trad.). São Paulo: Nova Alexandria, 1994.
- INGOLD, Tim. Isso é o suficiente sobre etnografia!. *Journal of Ethnographic Theory*. v.4, n.1, [2014]. Disponível em: <<http://www.haujournal.org/index.php/hau/article/view/hau.4.1.021/665>>. Acessado em 16 de jun. de 2015.
- INGOLD, Tim. *Being Alive: Essay on movement knowledge and description*. London: Routledge, 2011. Disponível em: <https://geactblog.files.wordpress.com/2012/03/tim_ingold-ing_alive__essays_on_movement_knowledge_and_description__routledge2011.pdf>. Acessado em 16 de jun. de 2014
- INGOLD, Tim. *Estar vivo*. Ensaio sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis: Vozes, 2015,
- INGOLD, Tim. Humanity and Animality. In.: TIM, Ingold (Ed.). *Companion Encyclopedia of Anthropology*. Londres, Routledge: 1994, p. 14-32. Disponível em: <http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_28/rbcs28_05.htm. Acessado em 16 de jun. de 2016.
- INGOLD, Tim. *Lines: A brief history*. London: Routledge, 2007. Disponível em: <<https://taskscape.files.wordpress.com/2011/03/lines-a-brief-history.pdf>>. Acessado em 16 de jun. de 2015.
- INGOLD, Tim. Looking for lines in nature. Disponível em: <<http://www.earthlines.org.uk/Assets/Text,%20pdfs/TimIngold.pdf>>. Acessado em 16 de jun. de 2015.
- INGOLD, Tim. Sobre a distinção entre evolução e história. *Antropolítica*, n. 20, 1. Sem. 2006. Disponível em: <http://www.uff.br/antropolitica/revistas_antropoliticas/revista_antropolitica_20.pdf>. Acessado em 16 de jun. de 2015.
- INGOLD, Tim. *The Perception of the Environment: Essays on livelihood, dwelling and skill*. London: Routledge, 2000. Disponível em: <<http://www.earthlines.org.uk/Assets/Text,%20pdfs/TimIngold.pdf>>. Acessado em 16 de jun. de 2015.
- INGOLD, Tim. *Transformations of the line: traces, threads and surfaces*. [S.l.]: University of Abedden. 2005. Disponível em: <<http://architectures.home.sapo.pt/transformations.pdf>>. Acessado em 16 de jun. de 2015.
- INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horiz.antropol*, v.18, n.37.2012.
- JAUSS, Hans Robert. Estética da recepção: colocações gerais. In.: LIMA, Luiz Costa (Org.). *A literatura e o leitor: Textos de estética da recepção*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- LAMBEK, Michael. Facing Religion, From Anthropology. *Anthropology of this Century*, (4) May 2012. Disponível em: <<http://aotcpress.com/articles/facing-religionanthropology>>. Acessado em 27 de set. de 2013.
- LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos*. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2013.

- LATOURE, Bruno. Não congelarás a imagem, ou: como não desentender o debate ciência-religião. Em: MANA, 10(2):349-376, 2004.
- LATOURE, Bruno. O que é iconoclash? ou, há um mundo além das guerras de imagem?. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 14, n. 29, p. 111-150, jan./jun. 2008.
- LATOURE, Bruno. Terceira fonte de incerteza: os objetos também agem. In.: _____. Reagregando o social. Uma introdução à teoria do ator-rede. Salvador, Bauru: Edufba, Edusc, 2012.
- LIMA, Raquel dos Santos Sousa. Oh! Que imitem a Santa Rita de Cássia!. As mulheres de nosso tempo: Representações e práticas da devoção de Viçosa (MG), 2003- 2006. 2006. 160f. Dissertação (Mestrado em História Social)- Programa de Pós-graduação em História Social - Universidade Federal Fluminense – UFF, Niterói.
- LIMA, Raquel dos Santos Sousa. Sobre presença e representação nas imagens dos santos católicos: considerações a partir de um estudo sobre a devoção à Santa Rita. Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, 35(1): 139-163, 2015.
- MARTINS, Guilherme Luís Mendes. Ora pro nobis: memória, oralidade, saberes e religiosidade dos rezadores de ladainha em Mocajuba-Pará. 126f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião - Universidade do Estado do Pará, Belém, 2015.
- MAUÉS, Raymundo Heraldo. Origens históricas da cidade Bragança. Separata da Revista de história. n. 72. São Paulo: 1967.
- MAUÉS, Raymundo Heraldo. Padres, pagés, santos e festas: Catolicismo popular e controle eclesial. Belém: CEJUP, 1995.
- MENEZES, Renata de Castro. A dinâmica do Sagrado: rituais, sociabilidades e santidade num convento do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2004.
- MENEZES, Renata de Castro. Por uma Antropologia da Devoção: Uma análise de processos de construção social da santidade. Rio de Janeiro: [s.n.], 2006.
- MENEZES, Renata de Castro. Santo Antônio no Rio de Janeiro: dimensões da santidade e da devoção. In.: TEIXEIRA, F.; MENEZES, Renata de Castro. Catolicismo plural: dinâmicas contemporâneas. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 109-133.
- MONTERO, Paula. Religião, modernidade e cultura: novas questões. Em: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Orgs.). As religiões no Brasil. Continuidade e rupturas. Petrópolis: Vozes, 2006.
- PEREIRA, Benedito Cezar. Sinopse da História de Bragança. Belém: Imprensa Oficial, 1963.
- PEREIRA, Luizmar Paulo. Os giros do sagrado: Um estudo etnográfico sobre as folias em Urucuia, MG. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011.
- PEREIRA, Luizmar Paulo. Á Mesa com os santos: A noção de “fatura” nas folias de Urucuia (Minas Gerais). In.: GONÇALVES, José Reginaldo Santos et al. A alma das coisas: patrimônio, materialidade e ressonância. Rio de Janeiro: Mauad & FAPERJ, 2013, p.155-184.
- PEREIRA, Luzimar Paulo. O giro dos outros: fundamentos e sistemas nas folias de Urucuia, Minas Gerais. Mana, 2014, v.20, n.3, p. 545-573.
- PEREIRA, Luzimar Paulo. Os giros do sagrado: Um estudo etnográfico sobre as folias em Urucuia, MG. Revista Antropológica, n. 36, Rio de Janeiro, Niterói: 7 Letras, p. 325335, 1. sem. 2014.

- ROCHA, João Cezar C. (Org.). Teoria da ficção: Indagações à obra de Wolfgang Iser. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999.
- ROSÁRIO, Ubiratan. Saga do Caeté: Folclore, História, Etnografia e Jornalismo na Cultura Amazônica da Marujada, Zona Bragantina, Pará. Belém: CEJUP, 2000.
- SAHLINS, Marshall. Cultura e razão prática: Universidade Chicago. Antropologia Social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1979.
- SAHLINS, Marshall. História e cultura: Apologias a Tucídides. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.
- SAHLINS, Marshall. Ilhas de história. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.
- SALLES, Vicente. O negro na formação da sociedade paraense: Textos reunidos. Belém: Paka-Tatu, 2004.
- SALLES, Vicente. O negro no Pará sob o regime da escravidão. 3. ed. Belém: IAP; Programa Raízes, 2005.
- SANT'ANNA, Elcio. "NÃO BRINCA COM SÃO BENEDITO": um estudo antropológico das narrativas nas devoções beneditinas de Bragança – PA. 314f. 2016. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia – PPGSA da Universidade Federal do Pará – UFPA, Belém, PA.
- SANT'ANNA, Elcio. Aos olhos de São Benedito: conto etnográfico como exercício de perspectivação. Observatório da religião, v.1, n. 2, ago.- dez. 2014, p.41-58.
- SILVA, Dário B. R. Nonato da. Em 03 de setembro de 1798: assim nasceu a Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança.[2010]. Disponível em: <<http://profdariobenedito.blogspot.com.br/2010/09/em-03-de-setembro-de-1798-assim-nasceu.html>>. Acessado em 13 de maio de 2014.
- SILVA, Dário B. R. Nonato da. Os Donos de São Benedito: Convenções e rebeldias na luta entre o catolicismo tradicional e devocional na cultura de Bragança, século XX. 2006. 202f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal do Pará – UFPA, Belém.
- SILVA, Dário B. R. Nonato da. Os Donos de São Benedito: Convenções e rebeldias na luta entre o catolicismo tradicional e devocional na cultura de Bragança, século XX. 2006. 202f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal do Pará – UFPA, Belém.
- SILVA, Dedival Brandão da. Os tambores da esperança: Um estudo Antropológico sobre a Construção da Identidade na Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança. Belém: Falangola Editora, 1997.
- SILVA, Dedival Brandão da. Religião e etnicidade na cultura popular. Cadernos de filosofia, no 18, Belém: Editora da Universidade, 1988. p.23-44.
- SILVA, Jair Francisco Cecim da. Glossário da marujada. 2003. 45f. Dissertação (mestrado em Letras) Universidade Federal do Pará – UFPA – Belém.
- SILVEIRA, Emerson Sena da (Org.). Como estudar as religiões. Metodologias e estratégias. Petrópolis: Vozes, 2018.
- SILVEIRA, Emerson Sena da; MORAES, Jr, Manoel Ribeiro de A dimensão teórica dos estudos da religião. Horizontes histórico, epistemológico e metodológico nas Ciências da Religião. São Paulo: Fonte Editorial, 2017.
- SIMMEL, Georg. Ensaio sobre teoria da história. Rio de Janeiro: Contraponto, 2011.
- SIMMEL, Georg. Questões fundamentais da sociologia. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- SIMMEL, Georg. Sociologia: Coleção Grandes Cientistas sociais. São Paulo: Atica, 1983.

- VALENTE, Ana Lúcia Eduardo Farah. As irmandades de negros: resistência e repressão. Dossiê: Religião e Cultura – Artigo original. Horizonte, Belo Horizonte: Puc Minas, v. 9, n. 21, p. 202-219, abr./jun. 2011.
- VERGOLINO-HENRY, Anaíza; FIGUEIREDO, Arthur Napoleão. N.A Presença Africana na Amazônia Colonial: uma notícia histórica. Belém: Arquivo Público do Estado do Pará, 1990.
- VERNANT, Jean-Pierre. Entre mito e política. São Paulo: Edusp, 2009.
- VIEIRA, Daniel Hudson Carvalho. Folia de São Benedito: um estudo de mudança em uma manifestação religiosa na comunidade do silêncio do matá. 2008. 124f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais, concentração de Antropologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal do Pará – UFPA, Belém.
- VIEIRA, Sônia Cristina A. É um pessoal lá de Bragança...: Um estudo antropológico acerca de identidades de migrantes em uma festa para São Benedito em Ananindeua/PA. 2008. 95f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais, concentração de Antropologia) - Centro de Filosofia e Ciências Sociais – Universidade Federal do Pará – UFPA, Belém.
- VIGOTSKI, L. S. Pensamento e linguagem. CAMARGO, Jerfferson L. (trad.). São Paulo: Martins Fontes: 1998.
- WAWZYNIAK, João Valentin. Assombro de olhada de bicho: uma etnografia de concepções e ações em Saúde entre ribeiros do baixo rio Tabajos, Pará-Brasil. 235f. 2008. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – USCARL - Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR, São Carlos, São Paulo.
- WAWZYNIAK, João Valentin. “Engerar” uma categoria cosmológica sobre pessoa, saúde e corpo. Ilha, Florianópolis, v. 5, n. 2, p. 33-55, 2003. Disponível em: <www.periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/download/.../15348>. Acessado em 19 dez. 2012.
- WEBER, Max. A “objetividade” do conhecimento nas Ciências Sociais. São Paulo: Ática, 2006.
- WEBER, Max. Ensaio sobre teoria das ciências Sociais. São Paulo: Centeuro, 2003.
- WEBER, Max. O Sentido da neutralidade axiológica nas Ciências Sociais e Econômicas. In.: _____. Metodologia das Ciências Sociais. Campinas: Cortez, 1992, p. 361-398.
- WEBER, Max. Sociologia das religiões. São Paulo: Icone, 2010. (Coleção fundamentos da filosofia).

RECEBIDO em 28/12/2018
APROVADO em 15/01/2019